



FACULDADE DA REGIÃO SISALEIRA – FARESI
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

VALDIRENE RAMOS MATEUS

**O ALCOOLISMO NA MULHER IDOSA: UM DESAFIO PARA AASSITÊNCIA DE
ENFERMAGEM**

Conceição do Coité – BA

2021

VALDIRENE RAMOS MATEUS

**O ALCOOLISMO NA MULHER IDOSA: UM DESAFIO PARA A ASSISTÊNCIA DE
ENFERMAGEM**

Artigo apresentado à disciplina TCC II a Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, como requisito básico para a conclusão do componente curricular e para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Solicitado como forma de avaliação parcial do curso de enfermagem.

Orientador: Rafael Reis Bacelar Antón.

Conceição do Coité – BA

2021

**Ficha Catalográfica elaborada por:
Joselia Grácia de Cerqueira Souza – CRB-Ba. 1837**

M425a Mateus, Valdirene Ramos

O alcoolismo na mulher idosa: um desafio para a assistência de enfermagem. - Conceição do Coité (Ba.), FARESI, 2021.

31 f.

Referências: 28 - 31

Artigo apresentado à disciplina TCC II a Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, como requisito básico para a conclusão do componente curricular e para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Solicitado como forma de avaliação parcial do curso de enfermagem.

Docente: Rafael Reis Bacelar Antón. Professor de TCC da FARESI. Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra (UNICAMP). Licenciado em Geografia (UEFS). Email: rafael.anton@faresi.edu.br.

1. Alcoolismo. 2. Assistência. 3. Enfermagem.. I. Título.

CDD: 616.861

O ALCOOLISMO NA MULHER IDOSA: UM DESAFIO PARA A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Valdirene Ramos Mateus¹

Rafael Reis Bacelar Antón²

RESUMO

Este artigo tem por finalidade destacar o alcoolismo na mulher idosa e seus respectivos desafios para a assistência em enfermagem. O alcoolismo é uma patologia considerada como uma das mais graves para a humanidade, afeta o usuário e todos que convivem direta ou indiretamente com ele, acarretando graves consequências para o desenvolvimento das pessoas e para a qualidade de vida e saúde. Quando se trata de alcoolismo feminino é necessário ficar atento não apenas aos problemas clínicos, mas também, as repercussões diretas desta doença nos papéis que a mulher desempenha no meio familiar, provocando problemas na saúde física e mental. A profissão na área de enfermagem, busca se definir como aquela que assiste e cuida dos indivíduos em relação à saúde, não pode ficar à margem de tão grave problema. Assim, o enfermeiro atua por meio da assistência humanizada, procurando possibilitar meios de ações preventivas frente ao alcoolismo, bem como acompanhar a saúde das pacientes idosas neste cenário. Opitou-se pela pesquisa bibliográfica através da revisão da literatura. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender quão necessário é, a atuação da assistência de enfermagem na contribuição para a melhoria de vida da alcoolatra e sua família para a qualidade de vida, ajudando a resgatar este ser humano, inserindo-a novamente na sociedade de forma útil, responsável e digna. A forma que possui maior adequação para prevenir o alcoolismo parte de iniciativas educativas, sendo fundamental a atuação do enfermeiro como facilitador e educador ao praticar a educação em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Alcoolismo. Assistência. Cuidar. Enfermagem. Humanização. Idosa.

ABSTRACT

This article aims to highlight alcoholism in elderly women and their respective challenges for nursing care. Alcoholism is a pathology considered as one of the most serious for humanity, it affects the user and everyone who lives directly or indirectly with him, causing serious consequences for the development of people and for the quality of life and health. When it comes to female alcoholism, it is necessary to pay attention not only to clinical problems, but also to the direct repercussions of this disease on the roles that women play in the family environment, causing problems in physical and mental health. The profession in the nursing field, seeks to define itself as one that assists and cares for individuals in relation to health, cannot be left out of such a serious problem. Thus, the nurse acts through humanized care, seeking to enable means of preventive actions in the face of alcoholism, as well as monitoring the health of elderly patients in this scenario. We opted for bibliographic research through

¹ Discente de Enfermagem.

² Orientador.

literature review. This research is justified by the need to understand how necessary it is, the performance of nursing care in contributing to the improvement of the life of the alcoholic and her family for the quality of life, helping to rescue this human being, inserting her again in the society of useful, responsible and dignified. The form that has the greatest adequacy to prevent alcoholism starts from educational initiatives, and it is essential for nurses to act as facilitators and educators when practicing health education.

KEYWORDS: Alcoholism. Assistance. Elderly. Humanization. Nursing. To care.

1. INTRODUÇÃO

Em meio às fundamentais motivações para o estudo sobre o alcoolismo na mulher idosa: um desafio para a assistência de enfermagem na atenção básica, tema deste artigo, a escolha por esse assunto surgiu ao participar de leituras e algumas atividades com um grupo de idosas. Por ser um assunto pouco discutido na sociedade, mas de grande relevância, constata-se a necessidade de pesquisar e analisar sobre esta temática por compreender sua importância para os familiares, amigos, profissionais de saúde e para a própria idosa ao vivenciar a realidade de uma alcoólatra.

O alcoolismo é um fator relacionado ao consumo excessivo e prolongado do álcool, pode ser entendido como o vício de ingestão excessiva, regular de bebidas alcoólicas e todas as consequências decorrentes. Dentro do alcoolismo existe a dependência, a abstinência, o abuso, a intoxicação por álcool, síndrome amnésica, demência alucinatória delirante de humor, assim com distúrbios sexuais do sono, de ansiedade e outros distúrbios não específicos. É interessante destacar os problemas advindos do alcoolismo, pois, além de ser uma questão de ordem social, suas consequências são vistas também como uma questão de saúde pública, uma vez constituindo um fator de risco para várias doenças.

Dentre tantas enfermidades advindas do alcoolismo, englobando as questões psicológicas, compreende-se a importância das ações da Unidade Básica de Saúde (UBS) sob a gestão do enfermeiro para direcionar as atividades, condutas e procedimentos voltados para esta pessoa que sofre por conta do uso desenfreado do álcool, provocando em sua vida, problemas psicológicos e físicos a si próprio e em todos que convivem com ela. Segundo a

Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) (2007), por meio de informações coletadas da Organização Mundial da Saúde (OMS), aponta em nosso país e na maioria dos países da América Latina, o consumo de bebidas alcoólicas como responsável por cerca de 8% de todas as doenças existentes. Este custo social é 100% maior do que os países desenvolvidos como os Estados Unidos da América, Canadá e da maioria dos países europeus, provocando uma reflexão sobre estes dados.

A SENAD (2007) divulga também sobre o primeiro estudo brasileiro feito pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em 2006, avaliou o padrão de consumo do álcool na população, mostrou 11% dos homens e 4% das mulheres adultas dependentes do álcool, esta prevalência tem um impacto enorme na sociedade brasileira. No caso das mulheres, 4% é um dado preocupante. É importante criar condições favoráveis à promoção da qualidade de vida destas mulheres, é necessário a percepção do enfermeiro responsável para saber quais caminhos a levará a sua recuperação não apenas do estado fisiológica, mas também emocional, espiritual, bem como social.

Diante do exposto, faz-se necessário os seguintes questionamentos: Quais os aspectos comportamentais que influenciam mulheres idosas a ingerirem álcool de forma compulsiva, levando assim ao alcoolismo? Quais os fatores sociais, econômicos e culturais que interferem no comportamento da mulher idosa alcoólatra? Quais as complicações familiares enfrentadas pela mulher idosa alcoólatra? Qual é o papel da assistência de enfermagem frente a esta problemática? É sabido que práticas assistenciais cotidianas dos serviços de saúde, requerem dos seus profissionais, sobretudo do enfermeiro, um papel que vai além da sua função de cuidar, assumindo também um papel de educador diante as suas pacientes alcoolistas.

Por sua vez, o enfermeiro através de sua formação e atuação profissional, desenvolve importante papel no âmbito educativo de implementação da assistência de enfermagem ao binômio paciente e família junto à comunidade. Este artigo tem por finalidade destacar o alcoolismo na mulher idosa e seus respectivos desafios para a assistência em enfermagem. Por isso, justifica-se a necessidade de compreender quão necessário é, a atuação da assistência de enfermagem na contribuição para a melhoria de vida da alcólatra e sua família para a qualidade de vida, ajudando a resgatar este ser humano, inserindo-a

novamente na sociedade de forma útil, responsável e digna, mostrando sua importância, fazendo perpetuar esta ação.

Desse modo, é imprescindível selecionar meticulosamente este artigo em títulos e subtítulos, previamente com a introdução, em seguida a metodologia, a análise e discussão dos resultados com a fundamentação teórica e as considerações finais. Esta pesquisa poderá ser utilizada como ferramenta de modificação social, utilizada nas instituições de ensino e na sociedade através da construção do conhecimento ao dispor de saberes relevantes para promover por meio da enfermagem uma melhor assistência a pacientes idosas alcoolistas e caminhocapazes de exercer ações de caráter preventivo frente a esta patologia.

2. METODOLOGIA

Pesquisar é ampliar o conhecimento sobre determinado conteúdo ao colocá-lo em prática com o intuito de desenvolver um método mais apropriado, viável, tendo como objetivo a valorização e o aproveitamento máximo do conteúdo escolhido. Referente ao tema em questão, é indispensável investigar, vivenciar, observar, questionar, encontrar respostas, objetivando solucionar os problemas encontrados no decorrer dos estudos.

Este artigo propõe a realização de pesquisa bibliográfica qualitativa.

Inicia-se com a explicação do problema baseado no referencial teórico, procurando conhecer e analisar as contribuições deste, para o enriquecimento da pesquisa. Faz-se necessário recolher informações e conhecimento prévio acerca do problema através das pesquisas, seus estudos e seleção de obras por meio de artigos, revistas, periódicos, livros. A intenção é justificar o alcoolismo na mulher idosa, sendo este, um desafio para a assistência de enfermagem sempre disponível. Contudo, é preciso ser capaz tanto de montar uma estrutura que serve de base para a interpretação, como descrever o material a partir da perspectiva dos autores e das informações coletadas.

Deste modo, a pesquisa bibliográfica qualitativa, é de fundamental importância para o bom desenvolvimento deste artigo, objetivando contribuir no aprofundamento e discussão sobre um tema tão relevante, necessário e de cunho social. Por fim, o artigo é executado a partir da análise bibliográfica, tendo

em vista fontes literárias condizentes com a proposta da temática, além de métodos exploratórios com a finalidade de adquirir maior aprofundamento sobre o assunto escolhido.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3. 1 Aspectos históricos sobre o alcoolismo

3.1.1 Definição para o alcoolismo

O alcoolismo é um termo designado para o transtorno pelo o uso crônico de álcool. A ingestão desmedida desta bebida pode acarretar problemas psicológicos, interpessoais e médicos, comprometendo deste modo, o bom funcionamento do organismo, assim como convergindo para consequências de cunho irreversíveis. Nascimento *et al.* (2015), ratificam sobre as inúmeras tentativas de compreender a dependência do indivíduo ao álcool.

Desde o século XX, estudiosos se debruçam em pesquisas acerca da dependência alcoólica e a qualifica como uma doença. Em meados de 1849, Magno Huss, um médico suíço, publicou o conceito de alcoolismo crônico. Hoje em dia, os efeitos do uso abusivo do álcool têm configurado como um dos maiores problemas de saúde pública no mundo, estando correlacionada a múltiplas outras contrariedades como acidente e mortes no trânsito, violência física e verbal. Carneiro *et al* (2015) salientam que no Brasil esta realidade é ainda mais perturbadora, sendo o alcoolismo caracterizado como um dos maiores problemas de saúde mental latentes na sociedade.

Coutinho *et al.*, (2016, p. 22) afirmam:

O dependente de álcool é, portanto, um doente e como tal precisa ser tratado, pois o alcoolismo ocorre a partir do momento em que o indivíduo perde a liberdade de se abster do álcool. O consumo abusivo de álcool está associado a inúmeras consequências negativas para a saúde e qualidade de vida da população idosa.

Nesse seguimento, Ramos *et al.* (2014), corroboram a respeito do alcoolismo ao informar sobre a combinação de muitos fatores, entre eles, a cultura, as características físicas e psicológicas do indivíduo, o grupo social com

o qual convive, a disponibilidade de bebidas e as suas características, condições propícias para o consumo ter um início e prosseguir, tendo ainda as influências ambientais se instituindo como fatores condicionantes para o desenvolvimento de futuros e precoces alcoolistas, sendo um comportamento desenvolvido gradualmente, construído dentro de múltiplas condições inter-relacionadas, aumentam as chances da pessoa vir a ter problema com o álcool, definido como um estado psíquico ou físico resultante da interação do organismo vivo e a substância.

Nos dias atuais, a designação de alcoolismo vem sendo modificado por Síndrome de Dependência do Álcool (SDAS), se diferencia por ser entendida como um processo no qual o indivíduo ficaria gradativamente dependente do álcool, afastando a visão dicotômica, implícita no termo alcoolismo. Inúmeras são as tentativas para se entender o desenvolvimento dessa dependência. Ramos *et al.* (2014), descrevem que apesar de amplamente aceito e até estimulado socialmente, o consumo de álcool quando excessivo, torna-se um problema importante, acarretando altos custos para a sociedade. As intercorrências causadas pelo álcool extrapolam as amplamente descritas na literatura, caracterizando como um problema com graves consequências sociais.

O alcoolismo se expande de forma crescente, impedindo, dessa forma, que conheçamos todos os males por ele causados. A maneira como o etanol afeta a saúde do indivíduo depende do padrão de consumo e do volume ingerido. O volume médio consumido relaciona-se principalmente a consequências em longo prazo à saúde (ABREU *et al.*, 2018, p. 76).

As pessoas dependentes de etílicos, expõem diversos episódios correlacionado ao abuso antes mesmo de serem diagnosticadas como alcoolistas e encaminhados para tratamento específico, pois, é visível e de fácil identificação o estado alcoólico e suas características. Agregado a isto, Álvarez *et al.*, (2017), evidenciam acerca da organização do sistema de saúde brasileiro, sobre suas diretrizes ao estabelecer a unidade de atenção primária como a porta de entrada para os serviços de saúde, é possível inferir que muitos indivíduos com padrão de consumo abusivo são atendidos nesses serviços, muitas vezes, em decorrência das complicações precoces do alcoolismo, tais como: traumas, embriagues, violência familiar.

De acordo com Gomes *et al.* (2015), a respeito do conceito de uso problemático de álcool, não abarca exclusivamente o indivíduo dependente ou

aquele com quadro de intoxicação ou em síndrome de abstinência. É existente diversos padrões de consumo de álcool que produzem riscos nocivos para a pessoa, dentre eles, a situação da ingestão de álcool de maneira excessiva rotineiramente ou episódios de intoxicação alcoólica sucessiva. O avanço desta patologia ao redor do mundo desencadeou grandes impactos na área da cientificidade, passando a aceitar múltiplas definições ligadas aos termos de uso, abuso e dependência de álcool.

A Classificação Internacional de Doenças (CID) estabelece o uso como qualquer consumo de bebidas alcoólicas, sem considerar a sua frequência; o abuso já é declarado como o consumo de álcool associado a consequências diversas, contudo sem atribuir dependência. O uso indevido de bebidas alcoólicas tem seu predomínio na população adulta, no entanto, este comportamento já se encontra latente entre outras faixas etárias tendo reverberação na saúde física e mental destes indivíduos. O crescente consumo de etílicos pode se dar pela emergência de vários fatores da vida atual, dentre estes: os altos níveis de estresse, de ansiedade, de baixa autoestima, sentimentos depressivos, susceptibilidade à pressão dos pares e problemas relacionados à escola.

Diversos autores concordam que a dependência ao álcool está inter-relacionada a um complexo agrupamento de condicionantes biopsiocossociais, sendo alguns destes, fomentados por elementos associados às vivências cotidianas comumente vinculadas a situações dolorosas, características de personalidade e influências sociais. Campos *et al.* (2017), discorrem sobre como situações emocionais podem ser fatores ou que incitam ao consumo de bebidas alcoólicas. Pela abrangência dos fatores causais, é compreensível a ocorrência do uso de forma abusiva desta droga lícita, comprometendo o ser humano nos âmbitos biológico, psicológico e social.

Nesse seguimento, Ronzani *et al.* (2018), definem habilidades sociais como classes de comportamentos sociais que contribuem para a competência social. O déficit no repertório destas habilidades pode gerar relações interpessoais insatisfatórias e caracterizar-se como um fator de risco associado a diversos problemas e dificuldades, inclusive ao consumo abusivo de substâncias. De modo frequente, os consumidores de álcool exibem dificuldades em estabelecer relações sociais de acordo com o que se espera deles, gerando

respostas sociais aprendidas de forma parcial e inadequada. Chagas *et al.* (2016), evidenciam a formação de um ciclo vicioso, o indivíduo que bebe com frequência seleciona amigos com o mesmo comportamento e vícios, atenuando a possibilidade de aprender um comportamento social mais coerente a sua realidade sempre recorrendo ao álcool, podendo originar problemas nos quais intervém no funcionamento social.

Conforme acrescentam Nascimento *et al.* (2017), na esfera biológica fatores hereditários e predisposição ambiental são frequentemente mencionados como uma das possíveis explicações para o consumo e dependência do álcool. Em alguns casos, se deve à hereditariedade gênica, em outros, à predisposição ambiental. Desta forma, dependendo do lugar onde se encontra o indivíduo numa determinada cultura, bem como dependendo das características do ambiente vivido na infância, ele poderá ou não desenvolver o alcoolismo em sua personalidade.

3.1.2 A história do alcoolismo

Acredita-se que a bebida alcoólica teve origem na pré-história, mais precisamente durante o período neolítico quando houve a aparição da agricultura e a invenção da cerâmica. A partir de um processo de fermentação natural ocorrido há aproximadamente 10 a.C. o ser humano passou a consumir e a atribuir diferentes significados ao seu uso. Bertoni *et al.* (2016), afirmam sobre a retrospectiva histórica, demonstra o afeto do ser humano com a bebida alcoólica, assim como outras drogas.

Oliveira *et al.*, (2017, p. 15) ratificam:

Diferentes hábitos de bebida presente na sociedade se associam com a frequência de sujeitos com diferentes padrões de bebida, sendo estes considerados mais complexo. Não obstante, a noção de que hábitos de bebida exercido na sociedade representa um fator condicionante para o desenvolvimento do habito de beber assim como contribui para a vulnerabilidade ao alcoolismo.

Contudo, Cardoso *et al.* (2015), descrevem condições reflexivas acerca da história do alcoolismo e da história dos dias hodiernos, o álcool se apresenta como fator indissociável das relações interpessoais existentes nos mais variados segmentos da sociedade. Esta intercorrelação, é comprovada por meio de registros documentados desde a existência de povos antigos como babilônicos, gregos e celtas; sendo o álcool considerado por muitos, uma bebida

medicamentosa, religiosa e de grande importância social, intrinsecamente associada a sensação de felicidade e prazer. Os egípcios por sua vez, descreviam acerca da credence das bebidas fermentadas por eliminarem os germes e parasitas, deveriam ser manejadas como viés terapêutico, sobretudo na luta contra os parasitas provenientes das águas, constatando naquele período a necessidade do uso e seus “benefícios” sem dar conta dos prejuízos para a saúde ao utiliza-la de forma desenfreada.

De outra parte, o advento da revolução industrial ocorreu a popularidade de bebidas alcoólicas somadas a sua produção em maior escala. Na década de 70 a configuração do mercado mundial foi alterada devido a fatores como: a melhoria do poder de compra, a liberalização dos costumes e a adoção de novos hábitos. Todos estes aspectos contribuíram para o aumento do consumo do álcool e das empresas de comercialização de bebidas destiladas.

3.1.3 Fenômeno da dependência

A dependência é uma realidade clínica importante, devido a isto, o entendimento de suas implicações é essencial para os colaboradores da área de saúde, em especial aos enfermeiros, nos quais lidam com os problemas relacionados à bebida, mas, não deve ser interpretado como se a dependência fosse tudo. O alcoolista é descrito como um paciente assinado por uma intensa insatisfação consigo mesmo, em virtude da sua não realização pessoal na sociedade, na família, em relacionamentos diversos.

Segundo Almeida *et al.* (2016), dependendo do lugar ocupado pelo indivíduo, numa determinada cultura, bem como dependendo das características do ambiente vivido, ele poderá ou não desenvolver o alcoolismo em sua personalidade. É validada a existência de coeficientes hereditários como também de fatores ambientais os quais, são constantemente referenciados como uma das inúmeras condições para o consumo e dependência do álcool. Álvarez *et al.* (2017), descrevem dentre os setores da psicologia, é possível identificar determinantes e fatores associados a predisposição do uso desmedido do álcool. Particularidades de personalidades como a imaturidade, ansiedade, regressão emocional; são fortes fatores contribuinte para o aumento exponencial de indivíduos dependentes do álcool.

Milam *et al.* (2016), acrescentam que repetidamente, a ingestão de

bebidas alcoólicas de modo descontrolado pode ser vista como um mecanismo de fuga por muitos, proveniente de um sentimento de inadequação, assim como a incapacidade de assumir responsabilidades. De outra parte, a dependência implica um relacionamento alterado entre a pessoa e a bebida, o comportamento de repetição obedece a dois mecanismos básicos não patológicos. O reforço positivo refere-se a busca do prazer; quando algo é agradável à pessoa busca os mesmos estímulos para obter a mesma satisfação. O reforço negativo diz respeito ao comportamento de evitar a dor ou desprazer; quando algo é desagradável a pessoa procura os mesmos meios para evitar a dor ou desprazer causados numa dada circunstância.

3.1. 4 Os efeitos negativos

O uso estável exagerado e progressivo de bebidas alcoólicas, pode implicar seriamente sobre o funcionamento do organismo humano, levando o indivíduo a enfrentar sequelas quase sempre irreversíveis. O etanol (CH₃CH₂OH), álcool presente nas bebidas alcoólicas, também chamado de álcool etílico, é uma substância orgânica obtida de açúcares encontrado em bebidas como cerveja, vinho e aguardente. O mesmo quando ingerido, é digerido pelo estômago, absorvido no intestino e levado pelas correntes sanguíneas até o cérebro através das moléculas.

Martins *et al.* (2018), fazem uma observação a respeito do consumo abusivo de etanol, pode ocasionar sérios danos para o organismo humano, podendo comprometer o sistema nervoso central e afetar o aparelho reprodutor. O uso excessivo e progressivo, provoca diversos efeitos no organismo, às vezes estimulantes, em outros, efeitos depressores variando sempre de intensidade dependendo das características pessoais do organismo de cada indivíduo. Os estimulantes por sua vez, podem aparecer nos primeiros momentos após a ingestão do álcool, como euforia, perda de eficiência, diminuição da atenção, desinibição, maior facilidade para falar. Enquanto os efeitos depressores só podem ser observados com o passar do tempo, como a falta de coordenação motora, descontrole do sono, inconsciência anestésica, dentre outras, em alguns casos chegando a ser fatal.

Segundo Martins *et al.* (2017), a partir da dose ingerida, a forma como o organismo responde ao consumo de álcool é determinada em concordância com o organismo de cada indivíduo. A concentração da bebida e sua distribuição no sangue, capacidade de metabolização de cada pessoa correlaciona-se quase exclusivamente de acordo com o seu metabolismo fisiológico, de fato, o consumo de bebidas alcoólicas em um longo período de tempo e em grandes quantidades, reflete nos tecidos e órgãos humanos, causando importantes alterações nutricionais significativas. A ingestão crônica de álcool relaciona-se a intensas consequências no nível nutricional da pessoa, podendo surgir desnutrição, posteriormente problemas de natureza hepática.

A desnutrição se desenvolve como resultado das calorias vazias do álcool, apetite reduzido e a absorção inadequada de nutrientes pelo trato intestinal.

Costa *et al.* (2017), destacam o consumo de bebidas alcoólicas por ter o potencial de interferir na formação da gliconeogênese, agravando o quadro de desnutrição. Por não seguir a via metabólica correta, a estruturação da glicose é prejudicada, comprometendo a geração de energia pelas células presente no corpo humano. Farias *et al.* (2018), corroboram a respeito da ingestão demasiada de etílicos com a baixa ingestão alimentar, poderá atingir um estado grave de hipoglicemia e desnutrição.

O consumo excessivo de álcool interfere de várias maneiras na nutrição adequada do idoso, pois compete com os nutrientes desde sua ingestão até sua absorção e utilização. Quanto maior a participação do álcool na dieta, menor a densidade e qualidade nutricional da alimentação (CARDOSO *et al.*, 2015, p. 22).

As estatísticas são evidentes, provam o uso do álcool na diminuição da longevidade proporcional à quantidade ingerida e à duração do vício por parte do indivíduo. É cientificamente comprovado também os efeitos do álcool sobre diversos órgãos do corpo, sendo o esôfago, intestino, rins e fígados os mais acometidos pelas suas respectivas maleficências. Sobre o coração, o álcool a princípio acelera as contrações cardíacas, logo em seguida, diminui seus batimentos e a circulação sanguínea se torna mais lenta, acarretando má circulação do sangue podendo provocar lesões nas fibras nervosas e nos vasos do próprio coração.

Sob essa perceptiva, Costa *et al.* (2017), afirmam que o álcool é responsável por desempenhar efeitos patológicos no cérebro, devido à sua rápida absorção pelo organismo. Diversas disfunções neurológicas estão correlacionadas aos efeitos sistêmicos de etílicos, estas alterações estão correlacionadas à ação citotóxica direta do álcool, a sua intoxicação pode desencadear encefalopatia, síndrome de amnésia, degeneração cerebelar e diversas outras patologias associadas.

3.2 As relações familiares e sociais

3.2.1 Fatores que levam a mulher idosa ao alcoolismo

O uso abusivo do álcool na terceira idade pode ser decorrente de variados fatores, sendo o processo de envelhecimento um dos principais condicionantes para o desenvolvimento do alcoolismo nesta parcela da população, tendo maior

incidência em mulheres idosas. Esta problemática necessita de um olhar diferenciado, no que tangencia a observância dos colaboradores e profissionais de saúde em razão desta ser um segmento social de risco e vulnerabilidade elevada.

Vieira *et al.* (2017, p. 24) ressaltam:

O uso abusivo de álcool provoca efeitos claros e profundos na saúde e no bem-estar dos idosos e são potenciais de risco para o desenvolvimento de problemas físicos, psicológicos (comprometimento das relações interpessoais e habilidades de enfrentamento) e sociais, quando associados geram impactos nos cuidados de saúde.

É importante ressaltar a relevância de desenvolver estudos acerca do fenômeno da dependência de bebidas etílicas, tal dependência provoca alterações nas relações interpessoais das idosas, sendo as relações instituídas na atividade laboral, no contexto familiar e outras. Estas modificações originadas pela doença, fazem surgir dissentimentos no ambiente do trabalho, brigas familiares, perda de amigos. Agregado a isto, o contexto de ser dependente do álcool acarreta situações análogas de discriminação, em razão da falta de entendimento por parte das pessoas sobre os fatores individuais, podendo levar à dependência do álcool.

Oliveira *et al.* (2017), destacam as diferenças fundamentais na forma como homens e mulheres se relacionam com as bebidas etílicas. As mulheres, na maior parte das vezes, parecem encontrar neste consumo o apoio emocional para suas angústias e preocupações. Estudos conferem a respeito das mulheres que consomem bebidas alcoólicas de modo considerado problemático, apresentam maior prevalência de transtornos psiquiátricos e sintomas emocionais se comparadas aos homens. Apesar dos frequentes prejuízos físicos e psicológicos decorrentes do uso de álcool entre mulheres, o estigma social relacionado a este consumo parece dificultar a procura destes indivíduos a um tratamento quando sentem a necessidade.

A mulher, infelizmente ainda se depara com sua grande necessidade de aprovação por parte da sociedade. A visão estabelecida pelo meio social frente ao alcoolismo feminino é bastante agressiva, a mulher é associada com a imoralidade, com o comportamento inapropriado, passa por estigmas e acaba por procurar tratamento com menos frequência do que o homem, acarretando mais comprometimento ao longo do uso. A figura feminina sobretudo com idades

mais avançadas, ao vivenciar o alcoolismo, sofrem maior discriminação social quando comparada com o sexo masculino, sendo também, muitas vezes rejeitadas no contexto familiar. Padrões sociais associados ao papel da mulher como o da maternidade também são estigmatizados quando relacionado a imagem de uma mulher com problemas alcoólicos.

Nesse contexto, Miranda *et al.* (2016), escrevem sobre as idosas que possuem hábitos etílicos prévios apresentaram maiores suscetibilidade de transformarem o comportamento do beber com a idade, fundamentando o grande número de mulheres da terceira idade presentes nessa situação. Anexo a esta realidade, fatores socioeconômicos agregados ao baixo grau de escolaridade, são atribuídos como potenciais de risco para o abuso e dependência de qualquer composto psicoativo, sobretudo o álcool. Barbosa *et al.* (2018), salientam a respeito do ato de beber e os problemas associados a ele, são condicionados por diversos elementos ao interagir tanto no indivíduo quanto no seu meio ambiente.

Fatores sociais, psicológicos e religiosos, assim como problemas temporários podem intervir na decisão de beber, tanto no adolescente quanto no adulto, especialmente a mulher. A dificuldade em lidar com alguma questão social específica, também pode influenciar a doença como o desemprego, a separação conjugal e falecimento de ente querido, gerando o alcoolismo. Por serem vários os transtornos geneticamente determinados, acontecem mutações podendo levar ao alcoolismo. São vários os fatores do uso abusivo de álcool: fatores sociais, culturais, fatores comportamentais como hábitos familiares de consumo alcoólico.

Reis *et al.*, (2019, p. 51) abordam:

Quando o assunto envolve álcool e família requer um cuidado especial devido à fragilidade que existe na união dos membros causada pelo distanciamento emocional do dependente. Isso caracteriza a destruição do lar, onde a família por não saber lidar com a situação, ignora o alcoólatra ou até mesmo se tornam vítimas da violência. Nesta situação, os cuidados devem estar voltados, não somente para o alcoólatra, mas para toda a família.

O problema tangente ao alcoolismo não diz respeito apenas à indivíduos que consome bebidas alcoólicas, pois, engloba todos os membros do seu contexto familiar, as pessoas mais próximas são diretamente atingidas no plano afetivo e no seu cotidiano, sentindo-se tão desamparados como o próprio doente. São diversos os prejuízos decorrentes do uso excessivo de álcool, entre eles

ressaltam-se as alterações comportamentais da pessoa que faz uso abusivo de álcool, levando na maioria das vezes, à desorganização familiar, acidentes de trânsito, violências urbanas e mortes prematuras. O alcoolismo, portanto, é mais que um problema individual, pois atinge a família como um todo.

Conforme Oliveira *et al.* (2017), como a família do alcoolista é completamente afetada pelos males do álcool, por conviver com um sujeito dependente causando uma desestruturação no relacionamento familiar como um todo. Problemas relativos ao consumo de álcool, normalmente exercem profundo efeito sobre a família da mulher com problemas referentes a bebida. Geralmente, o cônjuge ou companheiro e os filhos são os que mais sofrem as consequências da situação. A mudança no cotidiano pela opção do usuário de álcool ao participar de um novo grupo social, adotando atitudes que alteram as rotinas de vida da família causando diversos sentimentos, como angústia, impotência, incapacidade, tristeza, diminuindo o diálogo racional e amigável em família.

Particularizando as consequências na família, Aguiar *et al.* (2018), expõem que o alcoolismo constitui uma importante fonte de perturbação da dinâmica familiar: o lar doente alcoólico é, simultaneamente, um lar patológico e um lar patogênico, com inevitáveis repercussões sobre os restantes elementos, nomeadamente sobre os filhos. Assim, o alcoolismo é uma doença familiar, é sobretudo as consequências na dinâmica familiar e no estabelecimento de relações interpessoais. Na prática, o dia a dia de uma família com um doente alcoólico é pautado pela instabilidade, insegurança e conflito, resultando num ambiente hostil, ameaçador e sem harmonia.

O consumo de álcool, por vezes é correlacionado a uma função social, favorecendo o processo de socialização, porém, com o avanço da alcoolização, destrói o cotidiano pessoal. Conforme avança o processo do abuso de álcool, maior prejuízo para as relações pessoais. Gomes *et al.* (2015), expõem sobre o sentimento de fracasso apresentado pelo uso de álcool, ocasionando ao indivíduo a impossibilidade de realizar seu papel na sociedade, seja no ambiente familiar, no trabalho, na vida financeira, no trânsito, tornando-se trágico, não somente para o dependente, mas para todos ao seu redor. As complicações podem acontecer desde o primeiro contato com a bebida, podendo estes condicionantes biológicos estarem associados a fatores sociais ou não.

3.2.2 A mulher idosa no âmbito familiar

O alcoolismo habitualmente exerce um grande impacto na relação familiar do dependente do álcool, seja ele homem ou mulher, estando sujeitos a vivenciarem diversas refrações da questão social. É imprescindível a análise dos fatores culminantes para o alcoolismo, pois, não devem ser idealizados apenas sob perspectiva individualizada, mas, pela junção de numerosos destes pontos, principalmente porque eles apresentam-se enlaçados, ou seja, um fator pode estar influenciando ou desencadeando outro.

Ferreira *et al.*, (2016, p. 41) destacam:

Pesquisa para detectar o efeito do alcoolismo sobre as relações humanas constatou que alcoolista e sua família experimentam prejuízos em diversas áreas. Isto porque são altos os níveis de conflito e tensão, com falta de clareza na organização familiar, influem na confiança e segurança.

Nesse âmbito, um dos maiores danos sociais tem sido a desagregação familiar. Os membros familiares passam a exibir um comportamento diferenciado, gerador de tensões e conflitos devido a incapacidade de comunicação existentes entre os indivíduos os quais vivenciam esta problemática. As interações tornam-se disfuncionais e os parentes por estarem ininterruptamente ligados ao alcoolista, passam a serem vítimas deste mundo de sofrimento e desilusões. De outra parte, Rodrigues *et al.* (2016), informam a respeito da ingestão desmedida do álcool por mulheres idosas, pode estar atrelada com fatores psicológicos como o desenvolvimento progressivo de quadros depressivos, de ansiedade, ao sentimento de tristeza, angustia, ocasionados como consequência do abandono familiar, assim como, a menor participação de atividades sociais as quais a idosa anteriormente estava inserida.

A procura constante pelo uso do álcool pode estar intimamente relacionada a buscar na bebida o refúgio para esquecer o momento difícil. A participação familiar é essencial para a reestruturação da usuária de álcool, pois, tanto o processo de adoecimento quanto a recuperação, interferem na dinâmica familiar.

3.2.3 A mulher idosa na esfera social

É evidente uma maior vulnerabilidade por conta da idade, a população de

mulheres idosas, por sua vez, é muito particular em suas necessidades, majoritariamente referente a assistência do cuidado ao paciente na terceira idade com dependência de etílicos. As repercussões da doença do alcoolismo não recaem somente na relação familiar, mais também na saúde da dependente, além do vício do álcool também intervir no contexto social.

Os problemas relacionados com idosos não se limitam àqueles de origem socioeconômica, mas a todos os aspectos do processo do ciclo vital que a velhice traz, tais como doenças, insônias e temores. Esses são alguns dos fatores que levam os idosos a procurarem a bebida enquanto “remédio engarrafado”, como refúgio de seus temores, além de fatores culturais e psicológicos (MARTINS *et al.*, 2016, p. 02).

Contudo, apesar de existir um avanço desta faixa etária, por cada vez mais ampliar seu espaço, angariando conquistas e direitos no combate dos estereótipos suscitados pela sociedade, a exclusão social experimentada por este segmento populacional ainda é muito latente. A idosa por sua vez, repetidas vezes, é vista como incapaz de realizar suas respectivas atividades, também condicionada a partir da sua situação de alcoolista. Estas condições agravam o desenvolvimento de problemas psicofísicos e sociais. Sob essa perspectiva, a escritora Beauvoir já descrevia no ano de 1967 visões preconceituosas construídas a partir de diferentes escritores, filósofos e pensadores ao compartilhar da visão negativa da velhice, tais como Ovídio: “tempo, o grande destruidor, e velhice invejosa, juntos, arruínam todas as coisas”.

Essas ideias prejudiciais expostas acima acerca do processo de envelhecimento estão presentes nos dias atuais, mesmo com todo o avanço proporcionado pela ciência. Por isto, a necessidade progressiva da realização de estudos com o intuito de desconstruir estes paradigmas errôneos, contribuem largamente a entrada para a dependência de idosas ao álcool por meio da exclusão social.

3.3 A realidade da saúde na idosa no Brasil

3.3.1 A necessidade do olhar do Sistema Único de Saúde (SUS) para a terceira idade

Desde 1988, a Constituição Federativa (CF) assume a responsabilidade e

compromisso de auxiliar a oferta de serviços ligados à saúde, tendo em foco o exercício da cidadania por meio de gestões organizacionais voltadas para a assistência mais resolutivas, integrais e humanizadas a todos os segmentos populacionais inerentes a sociedade, sobretudo a terceira idade. A velhice também um fenômeno socialmente construído. Problemas com étlicos são decorrentes, em sua maioria devido à falta de redes sociais de apoio contribuindo para o enfrentamentodos problemas emergenciais dos sujeitos (MENEZES *et al.*, 2017, p. 07).

A garantia aos cuidados básicos de saúde através de intervenções com o objetivo de elevar o bem-estar, está interligada a múltiplos fatores sociais atuantes na promoção da qualidade de vida. As ações desenvolvidas pelo SUS, devem abarcar a assistência às necessidades de saúde do idoso, preservando o máximo da sua capacidade funcional, bem como a reabilitação da saúde dos que adoecem. O acesso facilitado a uma boa saúde com a integração a atenção individualizada, somada a ações psicossociais, são ferramentas fundamentais para um envelhecimento saudável. Assim, as ações dirigidas à saúde, em singularidade, ganham bastante relevância.

Sob outro viés, Gomes *et al.* (2019), evidenciam a existência da necessidade de investimento em uma assistência integralizada, juntamente com a disposição de um programa social voltado para a redução de danos, nos quais, aspirem o tratamento e reabilitação de idosos em situações da dependência de psicoativos, dentre eles, o álcool. Em função disto, é conveniente às políticas públicas, priorizarem programas de acolhimento à idosa ante as dificuldades e problemas sociais por ela vivenciado. É importante conservar o seu bem-estar, para corresponder de modo satisfatório e assim, evitar o seu adoecimento.

Segundo Freire *et al.* (2016), o crescimento do número de idosas e o maior aproveitamento do sistema de saúde, é fruto do maior tempo de vida e das variadas morbidades crônicas, no qual, representa-se como os grandes gargalos e desafios do sistema de saúde sobretudo para o setor público. Esta modificação no perfil epidemiológico, acarreta ampliação das despesas com tratamentos médicos e hospitalares, ao mesmo tempo em que se configura em desafio para as autoridades sanitárias, especialmente no tocante à implantação de novos modelos e métodos para o enfrentamento do problema, daí, o idoso consome mais serviços de saúde, as internações hospitalares são mais frequentes e o

tempo de ocupação do leito é maior em virtude da multiplicidade de suas patologias, quando comparado às de outras faixas etária.

Nos dias atuais, a oferta de serviços de saúde fragmenta a atenção à idosa, com multiplicação de consultas de especialistas, exames clínicos, de imagens, entre outros procedimentos. Peixoto *et al.* (2017), informam as particularidades das idosas afirmam ser bem conhecidas, dando destaque aos variados segmentos de patologias e fragilidades por estarem em maior presença. Envelhecer, mesmo que seja sem doenças crônicas, envolve alguma perda funcional, com tantas situações adversas, o cuidado à idosa deve ser estruturado de forma diferente da que é realizada para o adulto mais jovem, voltada a um assistencialismo para viabilizar o processo de envelhecimento de forma saudável em constante promoção a saúde.

Silva *et al.*, (2018, p. 7) esclarecem:

A ideia é monitorar a saúde, não a doença; a intenção é postergar a doença, a fim de que o idoso possa usufruir seu tempo a mais de vida com qualidade. Assim, a melhor estratégia para um adequado cuidado do idoso é utilizar a lógica de permanente acompanhamento da sua saúde, tê-lo sempre sob observação, variando apenas os níveis, a intensidade e o cenário da intervenção.

O autor descreve como a assistência deve ser disposta de maneira integrada, e o modo em que os cuidados necessitam ser ordenados ao decorrer do percurso assistencial, numa lógica de rede desde a entrada no sistema até os cuidados ao fim da vida. Sendo assim, os adequados modelos de atenção à saúde para idosos, são aqueles que exibem uma proposta de linha de cuidados, tendo o foco em ações de educação, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, postergação de moléstias, cuidado precoce, reabilitação. Os modelos de atenção para este segmento etário devem ser direcionados na idosa, levando em conta as suas necessidades de modo singularizado. O cuidado deve ser gerenciado desde a entrada no sistema até o fim da vida, com acompanhamento constante, pois, a idosa possuem especificidades decorrentes de doenças crônicas, de fragilidades orgânicas e sociais.

Por sua vez, o modelo deve ser alicerçado no reconhecimento precoce dos riscos de fragilização dos usuários. Uma vez identificado o risco, a predileção é a reabilitação precoce, a fim de atenuar o impacto das condições crônicas na funcionalidade, idealizando intervir antes de o agravo ocorrer. Somado a isto, a

necessidade da implantação de um novo formato assistencial se dá em decorrência da sobrecarga do sistema de saúde, provocando grande impacto financeiro em todos os níveis e não gera benefícios significativos para a saúde, nem para a qualidade de vida para a idosa.

A Política Nacional de Saúde a Pessoa Idosa (PNSPI), teve por objetivo permitir um envelhecimento saudável, o que significa preservar sua capacidade funcional, sua autonomia e manter o nível de qualidade de vida, em consonância com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), que direcionam medidas individuais e coletivas em todos os níveis de atenção à saúde (VERAS *et al.*, 2017, p. 09).

Dentre as problemáticas da maioria dos referenciais assistenciais vigentes, decorre do foco exclusivo na doença, isto ocorre mesmo quando se oferece um programa com uma lógica de antecipação dos agravos, as propostas são direcionadas majoritariamente para o processo de atenuação de determinada patologias, desatentando ao fato de que, numa doença crônica já estabelecida, o objetivo não deve ser a cura, mas a busca da estabilização do quadro clínico e o monitoramento contínuo de modo a intervir ou minimizar o declínio funcional. Para efetivar as ações e todas as práticas requeridas para um envelhecimento saudável e com qualidade de vida, é necessário repensar, redesenhar o ato do cuidar destinado a idosa, com foco neste indivíduo e em suas particularidades, efetivando assim, benefícios não somente aos idosos, mas também qualidade e sustentabilidade ao sistema de saúde brasileiro. Em síntese, um modelo de atenção à saúde do idoso que se pretenda eficiência deve englobar todos os níveis de cuidado, ou seja, possuir um fluxo direcionado em práticas de educação, promoção da saúde, prevenção de doenças evitáveis, cuidado o mais precocemente possível e reabilitação de agravos. Esta linha de cuidados se inicia na captação, no acolhimento e no monitoramento do idoso e

somente se finaliza nos momentos finais da vida, na unidade de cuidados paliativos.

3.3.2 A qualidade de vida na terceira idade

A expectativa de vida vem aumentando em todo o mundo, o Brasil segue esta nova tendência do mundo contemporâneo. A longevidade vem sendo atribuída como inerente a diversos fatores, um deles relaciona-se com o ideal de que, as relações interpessoais podem de inúmeras formas, promover melhores

condições de saúde, assim como, a ausência dela pode apresentar potencial de risco à saúde da idosa.

Não se deve aceitar apenas a longevidade do ser humano como a principal conquista da humanidade contemporânea, mas que esse ser humano tenha garantida uma vida com qualidade, felicidade e ativa participação em seu meio. (CARNEIRO *et al.*, 2016, p. 77). Por conseguinte, os projetos integracionistas os quais idosas possuem maior contato social, vivem mais e com melhor quadro de saúde quando comparado a idosas que apresentam menor contato social. A qualidade dos contatos intersociais, também é identificada como forte influenciador na recuperação e prevenção de problemas de saúde mental dentre a terceira idade. Por isto, a capacidade de interagir socialmente é fundamental para a idosa, ao conquistar e manter redes de apoio social, conseqüentemente, garantir melhor qualidade de vida. Nesse seguimento, Teixeira *et al.* (2015), ressaltam as atividades em grupo por gerarem vínculos e formam redes sociais acolhedoras permitindo resgatar a autonomia destes indivíduos ante os problemas cotidianos e favorecem as relações pessoais, atividades ao ar livre, exercícios físicos, favorecem ao não aparecimento de doenças e incapacidades, assim como engajar-se de forma sustentada em atividades sociais e produtivas. Em contrapartida, as deficiências e comprometimentos das habilidades sociais estão geralmente associados às dificuldades nas relações interpessoais e a diversos tipos de transtornos psicológicos, como a timidez, o isolamento social, o suicídio e a depressão.

3.4. A assistência de enfermagem à idosa alcoólatra

3.4.1 O papel da enfermagem

A enfermagem configura-se como uma profissão essencial na área de saúde, busca se definir como aquela que assiste e cuida da saúde das pessoas, sua função é de fundamental importância para o problema de saúde apresentado aqui. Daí, em decorrência do grande potencial patogênico e elevada predominância de casos podendo resultar em internamentos, a realidade do abuso de bebidas alcoólicas por parte de mulheres idosas, vem despertando a atenção dos profissionais da área de saúde, sobretudo o enfermeiro.

Segundo Assunção *et al.* (2016, p. 24), os enfermeiros desenvolvem um saber diferenciado estando relacionado à qualidade de vida, à maneira de administrar a doença os problemas decorrentes, informar, explicar, facilitar a aprendizagem. De outra parte, o enfermeiro precisa ter conhecimento acerca dos fatores múltiplos, podendo desenvolver o quadro de dependência alcoólica, sendo de extrema relevância que o colaborador de enfermagem, reconheça os mecanismos envolvidos no metabolismo fisiológico, bem como, os fatores emocionais, os vários tipos de viasterapêuticas empregadas, as intervenções de enfermagem consideradas relevantes. A equipe de enfermagem é responsável por promover condições de saúde satisfatóriaa mulher idosa, pois, os reflexos do exercício de sua prática, são ininterruptamente analisados por seus colegas e família da paciente.

Tendo o cuidado ao ser humano, em todas as suas dimensões, como essênciae especificidade da profissão, a enfermagem desfruta da viabilidade de transitar pelosdiferentes campos de conhecimento, assim como pelas diferentes realidades sociais.Tendo como foco a pessoa humana, a família e a comunidade, a enfermagem apresenta grande possibilidade de contribuir para a construção de um saber interdisciplinar, além de estabelecer canais efetivos de comunicação com os diversos setores sociais, desta forma, possibilitar estratégias mais eficazes e resolutivas de cuidado em saúde, sobretudo aquelas direcionadas ao cenário de idosas com dependência de etílicos.

Nesse sentido, Ferreira *et al.* (2016), destacam nos serviços de saúde, a equipe de enfermagem por efetuar um papel assistencial imprescindível, ao se especificar a problemática do abuso do álcool, suas ações são fundamentais, especialmente a respeito as manifestações físicas ou psíquicas que requerem cuidados qualificados e intensivos. É importante, portanto, os profissionais desta respectiva área, valorizarem os aspectos científicos para oferecer um cuidado de excelência.

Concomitantemente com a dificuldade em compreender o alcoolismo em suas várias dimensões, associa-se o fato de o alcoolismo constituir-se em uma doença estigmatizada pela sociedade, podendo essa questão influenciar as atitudes dos enfermeiros que cuidam de pacientes alcoolistas (FERREIRA *et al.*, 2016, p. 79).

Dessa maneira, a enfermagem precisa estar atenta ao tipo de acolhimento mais adequado para oferecer a paciente idosa acometida com dependência

alcoólica, pois, ainda há muito preconceito e rotulações da sociedade, além do despreparo de grande parte da equipe. Entretanto, em razão à grande demanda da população com esta problemática, é relevante a atenção do profissional de enfermagem quanto a identificação dos sinais e sintomas, inclusive em serviços de saúde nãoespecializados, facilitando assim, o atendimento e as intervenções interdisciplinares para cuidar das necessidades decorrentes da dependência do álcool.

Nessa conjuntura, Martins *et al.* (2018), descrevem sobre a comunicação também entre profissionais, o contexto familiar é imprescindível em diversos sentidos para os cuidados prestados. Então, é necessário validar os cuidados a idosa, devem ser praticados por profissionais de enfermagem capacitados e preparados, podendo adquirir resultados mais benéficos no manejo das mulheres da terceira idade em quadros de dependência alcoólica. Outro fator preponderante nesta situação, é a relevância do enfermeiro educador em saúde, a necessidade de prestar informações apropriadas à família e a paciente, visando a desmistificação de tabus culturais sendo este, indispensável para a conquista, tratamento e a sua reabilitação.

É necessário ressaltar que, quando há a existência de lacunas acerca do conhecimento evidencia uma fragilidade na formação profissional do enfermeiro, em razão da ausência destes saberes interferirem de modo negativa na qualidade da assistência oferecida a idosa dependente, é necessário o entendimento sobre os sinais e sintomas os quais influenciam diretamente na oferta do atendimento. Santos *et al.* (2019), afirmam ser dever do colaborador da área de enfermagem analisar de modo criterioso as alterações e evolução do quadro da paciente, sejam eles de ordem orgânica ou psíquica.

O enfermeiro é um dos profissionais que possuem maior adequação a intervenção no tratamento das patologias crônicas e particularmente o alcoolismo, pois, sua prática exerce um grande impacto na relação com o paciente e conseqüentemente nos resultados do tratamento. Desempenhar uma prática mais humanizada, onde exista mais sensibilidade de escuta destituída de preconceitos, pode ser primordial para assegurar uma assistência de qualidade a estas idosas. Tal prática poderá ser viabilizada com o estabelecimento de três fatores fundamentais e inter-relacionados: mudança de atitudes, busca de conhecimentos e aperfeiçoamento de habilidades. Sendo esta conscientização

dos profissionais necessária, pois, os dados mostram cada vez mais o paciente alcoolista faz parte do cotidiano do enfermeiro generalista.

Diante dessa realidade, Santos *et al.* (2019), relatam acerca de como o colaborador de enfermagem é indispensável para o tratamento, a busca da recuperação do alcoolista e suas atitudes podem influenciar definitivamente no relacionamento com o paciente alcoolista, por conseguinte, contribuir positivamente para o tratamento. Assim, Lima *et al.* (2016), descrevem a importância de o enfermeiro examinar suas atitudes acerca do alcoolismo, oferecer cuidados sem julgamento à pessoa do alcoolista, haja vista a responsabilidade em várias situações pelos cuidados prestados a esses pacientes. Para isso faz-se necessário o reconhecimento das fontes de suas atitudes, bem como explorar como suas atitudes afetam os cuidados prestados ao paciente complementando com autoconsciência e mudança de certas atitudes comprovadas como negativas.

O enfermeiro possui plena capacidade de atuar com a alcoolista, podendo assistir a idosa de modo mais amplo e em várias situações, acompanhando, aconselhando e ajudando-a a atingir a estabilidade, além disto, por ser de fácil acesso, este profissional se encontra em uma das posições mais privilegiadas para entender os sentimentos da mulher alcoólatra, segundo diferenças sociais, culturais e individuais. Anexo a isto, já que o colaborador com maior contato com a dependente alcoólica no decorrer do processo de acolhimento, o relacionamento entre eles deve favorecer a construção de um ambiente que possa influenciar a decisão do indivíduo em facilitar o tratamento. A percepção do enfermeiro ao paciente, é o principal determinante da qualidade, bem como da necessidade do cuidado de enfermagem prestado.

3.4.2 A atenção à saúde da idosa e a promoção da qualidade de vida por meio da assistência de enfermagem humanizada

Na seara da saúde, um dos grandes colaboradores é o profissional de enfermagem; é atribuído como aquele que passa a maior parte do tempo junto aos usuários dos serviços de saúde, dispõem de ferramentas mais adequadas para auxiliar nos problemas relacionados com a ingestão abusiva de álcool. Para isto, é imprescindível o resgate da história de consumo de substâncias psicoativas, objetivando se tornar uma rotina nas avaliações do enfermeiro em

qualquer instituição de saúde, pública ou privada, já que muitas são as lacunas de conhecimento em relação ao cuidado de uma clientela historicamente excluída e isolada do convívio da sociedade.

Donato *et al.*, (2018, p. 41) corroboram:

É necessário que estes profissionais detenham conhecimentos específicos para problemas físicos e psicológicos acerca desta problemática, a fim de que um número maior de pacientes tenha a oportunidade de receber intervenção e tratamento adequados.

Por intermédio da necessidade de cuidados de enfermagem, alicerçada em conhecimento científico e sistematizado, a mulher idosa, sendo esta a essência para o desenvolvimento de todas as etapas do plano de intervenção a serem aplicadas. Barros *et al.* (2017), salientam que a equipe de enfermagem é composta por um quadro multidisciplinar de profissionais, recebem e preparam as pacientes da terceira idade para a prática de viés terapêutico, assim como ordenam as atividades a serem utilizadas para a execução do plano de ação, como a recuperação individual e na manutenção da sobriedade dos alcoolistas. O enfermeiro não deve esquecer da necessidade da humanização, não podendo a problemática ser superior ao processo de assistência durante o período de atendimento.

Os colaboradores de enfermagem precisam atentar-se ao zelo da qualidade da assistência, tendo em vista a humanização do cuidar. O acolhimento ofertado pela equipe de enfermagem pode ser considerado como excelente mecanismo para o sucesso da proposta terapêutica, isto é verificado em decorrência da equipe de enfermagem vivenciar maior tempo com a paciente, atingindo um cuidado mais direto e integral.

4. CONCLUSÃO

O setor de enfermagem vem expandido, a cada dia o seu espaço na área da saúde, tanto no contexto nacional quanto no cenário internacional. O enfermeiro, por sua vez, encarrega-se de um papel cada vez mais decisivo e proativo no tocante à identificação das necessidades de cuidado da população, bem como na promoção e proteção da saúde dos indivíduos em suas diferentes dimensões.

Segundo Silva *et al.* (2018), apesar de ser correlacionada e

complementada por demais saberes de outros segmentos da saúde, a enfermagem pode ser vastamente definida como a ciência do cuidado integral e integrador em saúde, não apenas no sentido de assistir e coordenar as práticas de cuidado, mas também promovendo e protegendo a saúde do indivíduo, da família e comunidade.

Garcia *et al.* (2017), revelam as dificuldades de se pôr em prática ações preventivas de qualquer tipo de patologia no Brasil. Essa realidade deve-se a múltiplos fatores dentre os quais, o modelo biomédico tradicional além de cuidar do indivíduo de forma fragmentada, prioriza o tratamento curativo. Este padrão em saúde tem como incentivador principal as grandes indústrias farmacêuticas internacionais. No caso do alcoolismo, encontram-se muitas outras problemáticas tais como a forte estigma em relação à doença do alcoolismo e das indústrias de bebidas alcoólicas, grandes responsáveis por sua propagação no mundo atual.

Percebe-se que, dentre as estratégias viáveis para a enfermagem como medida de prevenção ao alcoolismo, a educação em saúde se torna um importante viés para atingir esta conquista por visar a formação de práticas educativas que possam ser implementadas com o propósito não somente de ensinar a população a se resguardar de patologias, mas também de promover a saúde a partir da conversão de determinantes sociais que favorecem o adoecimento em geradores de saúde. Contudo, o enfermeiro tem um papel fundamental, pois, a implantação do Programa Saúde da Família (PSF) propiciou a este profissional, estabelecer práticas que objetivem às ações educativas direcionadas à todas as faixas etárias, sobretudo a população idosa.

Somado a isso, o processo educativo se torna necessário para que a sociedade como um todo tenha suas metas atingidas, dentre estas, cita-se a saúde. Chagas *et al.* (2016), enunciam o modo assertivo para obtenção de uma saúde comum a todos. Tonando-se imperioso que a população em si busque pelo seu bem-estar, isto significa ser imprescindível estabelecer a estratégia do ato de educar para se ter saúde a educação em saúde, sendo está um segmento multifacetado, no qual convergem variadas concepções e conhecimento sobre o entendimento da prática e educação em saúde. No Brasil, esta forma de conhecimento se iniciou na saúde pública, como meio de orientar as novas ações, posteriormente se estabeleceu como caminho de ações preventivas as doenças.

Por sua vez, o profissional de enfermagem não deve ficar à margem do processo educativo da população idosa, pois a ação educativa é uma das atribuições mais importantes da enfermagem, incentivando a prevenção de morbidades sobre o alcoolismo. O exercício destas práticas não pode acontecer de modo verticalizado, ou seja, por meio da imposição dos saberes técnico-científico agregados na universidade, mas de modo horizontal, no qual se alicerça na troca de conhecimentos com a população a ser ajudada, orientando-a a desenvolver uma consciência crítica, a fazê-la pensar a partir de si mesma.

O autor Machado *et al.* (2017), retratam o enfermeiro como um dos profissionais da área de saúde, deve estar consciente da seriedade do problema do alcoolismo em mulheres idosas e aptos para assistir à comunidade em nível de promoção, prevenção e reabilitação. Ações de promoção de saúde, visando esclarecer aqueles que não tiveram contato com o álcool, favorecem assim, para ampliar a saúde e o bem-estar geral de forma humanizada. Como estratégias, deve-se dispor da educação, a motivação dos serviços, estimulando ainda sua participação na vida comunitária, extremamente relevante para saúde individual e de grupo.

Por essa razão, a forma que possui maior adequação para prevenir o alcoolismo parte de iniciativas educativas, pois fomenta a implantação de práticas direcionadas a ações de educação por ter como finalidade a não-adesão ou interrupção de comportamentos de risco, favorecendo o surgimento da doença. Sobre esta patologia que atravessa gerações, cabe sinalizar a necessidade de ser tratada não exclusivamente de modo curativo, mas englobar novas estratégias para viabilizar e evitar o seu surgimento por meio da educação em saúde.

Denardim *et al.* (2019), completam dizendo da indispensabilidade em possibilitar o acesso as idosas alcoolistas aos serviços básicos de saúde, saber informa-la sobre a existência de outros recursos terapêuticos, fomentar as condições necessárias para o desenvolvimento de ações relacionadas a promoção da saúde e qualidade de vida da paciente idosa.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. D.; COSTA, I. Z. **Alcoolismo e os danos causados no indivíduo, na família e na sociedade.** Porto Alegre: Revista de psicologia e contexto, v.

32, n. 6, 2018, p. 78. Disponível em: <<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

AGUIAR, J. S.; FERNANDES, E. M.; OLIVEIRA, S.R. **O alcoolismo no mundo feminino**. Ceará: Revista da Universidade Federal do Ceará, v. 6, n. 7, 2016, p. 23. Disponível em: <[https:// biblioteca.univap.br](https://biblioteca.univap.br)>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ALMEIDA, L. M.; COUTINHO, E.; FERREIRA, S. L. **Prevalência de consumo de bebidas alcoólicas e de alcoolismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revista saúde pública, v. 27, n. 1, 2016, p. 11-13. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ÁLVAREZ, A. M. A.; MACHADO, F. R. **Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo**. Rio de Janeiro: Jornal brasileiro de psiquiatria, v. 56, n. 3, 2017, p. 17. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

ALVIM, A. M. P.; FERREIRA, M. A.; TITONELLI, N. A. **Perspectiva problematizadora da educação popular em saúde e a enfermagem**. Florianópolis: Revista texto e contexto de enfermagem, v. 16, n. 2, 2017, p. 5. Disponível em: <<https://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ASSUNÇÃO, N. A.; VIANA, D.; BANDEIRA, L. B.; GUEDES, M. D. **Alcoolismo e saúde mental: uma reflexão de enfermagem**. São Paulo: Revista de enfermagem, v.5, n. 2, 2016, p. 22-24. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br>>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BARBOSA, K. K. S.; PERÓN, C. M. **Alcoolismo: um problema familiar**. Ceará: Revista da rede de enfermagem do nordeste, v. 8 n. 5, 2018, p. 17. Disponível em: <<https://www.redalyc.org>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BARROS, P. M.; FILOZOLA, L. C. A.; MONTAGNER, M. A. **Visita domiciliar: um instrumento na assistência de enfermagem ao paciente alcoolista**. Brasília: Revista de saúde, v. 5, n. 3, 2017, p. 57. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

BERTONI, L. M.; ALVES, N. F. **Reflexões sobre a história do alcoolismo**. São Paulo: Revista online das faculdades integradas FAFIBE, v. 3, n. 2, 2016, p. 02-03. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br>> Acesso em: 05 ago. 2020.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. **I levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília: SENAD, 2007, p. 3-40. Disponível em: <<http://www.bvsmis.saude.gov.br>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BARROSO, T. E. A.; PAVARINI, J. A. **Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual**. São Paulo: Revista ciência e saúde coletiva, v. 6, n. 1, 2017, p. 78. Disponível em: <<https://www.scielo.com/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CAMPOS, E. D.; FILHO, C. M. L. **As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os alcoólicos anônimos**. São Paulo: Revista

de ciências sociais, v. 18, n. 7, 2017, p. 45. Disponível em: <<http://www.bvsmms.saude.gov.br>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CARDOSO D.; NASCIMENTO, T. M.; DULTRA, O. E. **Os malefícios atribuídos à dependência de álcool**. Santa Catarina: Revista online de educação e rede de proteção, v. 12, n. 1, 2015, p. 18-22. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br>> Acesso em: 06 ago. 2020.

CARNEIRO, F. V. P.; TOLEDO, C. L.; ARAÚJO, E. B.; OLIVEIRA, S. L. **O alcoolismo e suas consequências: aspectos físicos e psicológicos**. Ceará: Revistada rede de enfermagem do nordeste, v. 6, n. 1, 2015, p. 12. Disponível em: <<https://www.redalyc.org>> Acesso em: 07 ago. 2020.

CARNEIRO, R. S.; RIBEIRO, H. S. **A relação entre habilidades sociais e qualidade de vida na terceira idade**. Rio de Janeiro: Revista brasileira de terapiascognitivas, v. 2, n. 1, 2016, p. 77. Disponível em: <http://www.scielo.com>. Acesso em: 06 ago. 2020.

CHAGAS, M. A.; RAMOS, B. F. L.; VILEMAR, P. S. **O alcoolismo e o grupo de alcoólicos anônimos: o conhecimento de alcoolistas**. Rio de Janeiro: Revista de psicologia em estudo, v. 16, n. 1, 2016, p. 33. Disponível em: <<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

COSTA, R. M. R.; ESPER, L. H. **O álcool e seus efeitos no organismo humano**. Brasília: Revista online do centro universitário de Brasília, n. 32, v. 15, 2017, p. 28-33. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

COUTINHO, E. S. F.; MENDONÇA, CL.; PIMENTA, M. A. **Alcoolismo e problemas relacionados as dificuldades na implantação e estudo de prevalência**. Rio de Janeiro: Revista de ciência e saúde coletiva, v. 1, n. 1, 2016, p. 22-24. Disponível em: <<https://www.scielosp.org>>. Acesso em: 08 ago.2020.

DONATO, M. L.; CARVALHO, L. R.; FURTADO, E. F. **Alcoolismo: um novo desafio para o enfermeiro**. Rio de Janeiro: Revista Anna Nery, v. 12, n. 3, 2018, p. 3. Disponível em: <<https://www.scielosp.org>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FARIAS, G. J.; ACUAN, L.; DOMINGOS, A. M. **O alcoolismo e suas consequências na estrutura familiar**. Belo Horizonte: Revista saúde e desenvolvimento, v. 1, n. 1, 2018, p. 44. Disponível em: <<https://www.uninter.com>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FERREIRA, F. M. O.; REIS, M.; COSTA, R. **Alcoolismo no contexto familiar: estratégias de enfrentamento das idosas usuárias da terapia comunitária**. Ceará: Revista da Universidade Federal do Ceará, v. 8, n. 3, 2016, p. 41. Disponível em: <<https://www.redalyc.org>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FERREIRA, K. A.; MEDEIROS, C. M.; SOUTO, M. D. **Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente ao uso do álcool e alcoolismo**. Brasília: Revista brasileira de enfermagem, v. 3, n. 1, 2016, p. 79. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

DENARDIM, M. L. D.; DIAS, M. O.; SÁ, N. P. **Conhecimentos populares e educação em saúde na formação do enfermeiro**. Brasília: Revista brasileira de enfermagem, v. 4, n. 5, 2017, p. 19. Disponível em: <<https://www.scielo.com/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FREIRE, J. V. S.; ALVES, I. R. **Humanização na assistência a pessoa idosa: umarevisão de literatura**. São Paulo: Revista de assistência integralizada ao idoso, v. 1, n. 1, 2016, p. 56. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br>>. Acesso em: 27 jan.2021.

GARCIA, I. T.; TAKAHASHI, R. T. **Educação em saúde: um estudo bibliométrico**. São Paulo: Revista da escola de enfermagem da USP, v. 41, n 2, 2017, p. 20. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

GOMES, R.; LIMA, S. S.; CARVALHO, M. G. **A representação do consumo de bebidas alcoólicas**. Rio de Janeiro: Revista coletiva de saúde e sociedade, v. 15, n.3, 2015, p. 10. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LIMA, V.; IOSSI, S. A.; GOMES, R. **Atitudes de estudantes de enfermagem frente questões relacionadas ao álcool, alcoolismo e alcoolista**. São Paulo: Revista paulista de enfermagem, v. 24, n. 5, 2016, p. 10. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MACHADO, B. S. A.; SOUZA, T. C.; FERRANI, S. R. **Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da enfermagem**. São Paulo: Revista ciência e saúde coletiva, v. 9, n. 1, 2017, p. 28. Disponível em: <<https://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MARTINS, K. D.; ALMEIDA, L. B. **A dependência do álcool na dialética do envelhecimento**. Para: Revista cocar, v. 8, n. 16, 2016, p. 01-05. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MARTINS, O. A. R.; ARAGÃO, R, M.; MESQUITA, F. **Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por mulheres**. Rio de Janeiro: Revista paidéia, v.49, n. 11, 2017, p. 5. Disponível em: <<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MARTINS, O. A.; ALMEIDA, T. D. GOMES, G. J. **Efeito do consumo de bebidas alcoólicas no organismo**. Rio de Janeiro: Revista online da fundação regionaleducacional de avaré, v. 13, n. 2, 2018, p. 33. Disponível em: <<http://www.fira.edu.br>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MARTINS, S. L. E.; VASCONCELOS, E.; CABRAL, S. D. **Cuidadoras de pacientesalcoolidistas**. Brasília: Revista brasileira de enfermagem, v. 62, n. 2, 2018, p. 29.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MENEZES, M. C. N.; COSTA, M. M. **Abordagem do idoso em programas de saúde da família**. Rio Grande do Norte: Revista universitária em saúde, v. 7, n. 3, 2017, p. 07. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MENEZES, A. G. M. P.; NETO, C. S. **Educação em saúde e programa de saúde:**

atuação da enfermagem na prevenção de complicações em paciente alcoolidistas. São Paulo: Revista ciência e saúde coletiva, v. 14, n. 7, 2019, p. 45.

Disponível em:

<<https://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

MILAM, J. R.; RAMOS, J. B.; MEDEIROS, L. **Alcoolismo: os mitos a realidade**. Rio de Janeiro: Jornal brasileiro de psiquiatria, v. 41, n. 2, 2016, p. 11-15.

Disponível em:

<<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MIRANDA, S. F.; MOREIRA, L. M. **Perfil de idosos usuários de álcool acompanhando em uma unidade da estratégia saúde da família**. São Paulo: Revista de ciência e políticas públicas para o envelhecimento, v. 9, n. 1, 2016, p. 14. Disponível em: <<https://docplayer.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NASCIMENTO, E. C.; JUSTOS, L. B.; COSTAS, I. A. **Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social**. São Paulo: Revista sociedade, v. 3, n. 1, 2015, p. 30-31.

Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

NASCIMENTO, G. H. L.; PINHO, C. L. **Compreendendo o alcoolismo na família**. Rio de Janeiro: Revista da escola Ana Nery, v. 10, n. 4, 2017, p. 16. Disponível em:

<<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

OLIVEIRA, M. S.; BEZERRA, L. B.; TRABUCO, E. **Relação entre o consumo de álcool e hábitos**. São Paulo: Revista de psicologia, v. 57, n. 127, 2017, p. 15.

Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

PEIXOTO, V. A.; CARMONA, R. U.; NEVES, Q. N. **Envelhecer no Brasil: a construção no modelo de cuidado**. São Paulo: Revista ciência e saúde pública, v. 7,

n. 4, 207, p. 6. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

REIS, G. A.; MOURA, L. E.; SANTOS, A. P. **Alcoolismo e o seu tratamento**. Ceará: Revista da rede de enfermagem do nordeste, v. 9 n. 7, 2019, p. 51.

Disponível em:

<<https://www.redalyc.org>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

RODRIGUES, R. M.; MARTINS, A. M. **As relações sociais e o uso da rede de apoio no cotidiano do idoso dependente do álcool**. São Paulo: Revista online da universidade católica, v. 33, n. 5, 2016, p. 55. Disponível em:

<<https://repositorio.pucrs.br>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

RONZANI, T. M.; MACHADO A. L. **Habilidades sociais e alcoolismo:** uma revisão da literatura. Rio de Janeiro: Revista de psicologia em estudo, v. 18, n. 1, 2018, p.

12. Disponível em: <<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SANTOS, R. C. L.; ALMEIDA, A. H.; SOARES, R. A. **Trabalhar com pacientes alcoolistas:** satisfação de enfermeiros. São Paulo: Revista paulista de enfermagem,

v. 77, n. 8, 2019, p. 90. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SILVA, L. D.; FREITAS, A. H. **O enfermeiro e a educação em saúde:** um estudo bibliográfico. Minas Gerais: Revista da universidade federal de minas gerais de enfermagem, v. 2, n. 2, 2018, p. 6. Disponível em: <<https://www.scielo.com>>.

Acesso

em: 27 jan. 2021.

TEIXEIRA, L.; SANTOS, J. A. **Saúde e qualidade de vida na terceira idade.**

São Paulo: Revista acerca do envelhecimento e afins, v. 1, n. 1, 2015, p. 6.

Disponível em: <<https://www.redalyc.org>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

VERAS, R.; CARVALHO, S. B. **O anacronismo dos modelos assistenciais para os idosos na área da saúde:** desafios para o setor de saúde. Rio de

Janeiro: Revista de saúde pública, v. 23, n. 10, 2017, p. 9. Disponível em:

<<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

VIEIRA, A. E. S.; MOREIRA, S. M.; MAGALHÃES, A. **Alcoolismo e idosos:** relação com ingestão alimentar e aspectos socioeconômicos. Rio de Janeiro:

Revista brasileira de geriatria, v. 14, n. 4, 2017, p. 24-26. Disponível em:

<<https://www.scielo>.

br>. Acesso em: 29 ago. 2020.